
IMAGENS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO COTIDIANO DAS ESCOLAS: O CELULAR NAS CLASSES DE ALFABETIZAÇÃO¹

Solange Castellano Fernandes Monteiro*
Tereza Cristina C. Correa Teixeira**

RESUMO

O presente texto pretende apresentar uma pesquisa com professoras das chamadas classes de alfabetização e apresentar algumas percepções de professoras a respeito do uso dos celulares nas escolas. Somando-se a isso, apresentaremos algumas histórias cotidianas de alunas do curso de Pedagogia de uma instituição privada narradas durante o estudo realizado. No decorrer do texto, nos deteremos na questão do estudo do cotidiano buscando um entendimento metodológico e reflexão daquilo que, até então, não percebíamos nas salas de aula. Procuramos desenvolver uma discussão sobre como vamos produzindo novas/velhas culturas a partir do convívio com as novas tecnologias e de seus usuários. Por último, relataremos as observações registradas a partir do estudo realizado durante o ano de 2006, em situações diferenciadas, com o uso do celular no cotidiano das mesmas. O pressuposto deste ensaio é o de que um trabalho preocupado com a inclusão digital e a alfabetização deveria abordar, simultaneamente, a questão das aprendizagens da leitura, da escrita e das novas tecnologias, não como processos paralelos e/ou distintos, mas deveriam estar concomitantes e complementares em situações didáticas que possibilitem às crianças cada vez mais a discussão e tessitura de conhecimentos sobre a linguagem e sobre o uso do celular na sala de aula.

Palavras-chave: cotidiano, tecnologias, currículos, alfabetização.

A inclusão digital é tema de muitos estudos e está no centro das atenções de professores e professoras do mundo todo. Um trabalho preocupado com a inclusão digital e a alfabetização deveria abordar, simultaneamente, a questão das aprendizagens da leitura e da escrita e das novas tecnologias não como processos paralelos e/ou distintos, mas como concomitantes e complementares e como condição fundamental para situações didáticas que possibilitem às crianças, cada vez mais, a discussão e tessitura de conhecimentos sobre a linguagem e sobre o uso, no nosso caso, do celular. Sendo assim, não podemos ficar alheios ao que, a cada dia, aparece sobre as mesas escolares: os mais variados “designs” de celulares. Os modelos mais novos e os mais antigos se misturam pelos espaços da escola nas mãos de adultos e jovens. No entanto, não se limita a uma faixa etária e estamos assistindo esses aparelhos estarem também com crianças cada vez mais novas. Parece que o celular na sala de aula está a comunicar muito mais do que as ondas sonoras emitidas pelo aparelho. Provavelmente, ele comunica as redes de saberes que cada *espaçotempo*² evidencia, em suas dife-

¹Texto apresentado no "IV Seminário Internacional As Redes de conhecimentos e a tecnologia: práticas educativas, cotidiano e cultura", realizado na UERJ de 11 a 14 de junho de 2007.

*Doutoranda em Ensino de Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz – Fundação Oswaldo Cruz (atualmente). Coordenadora do segundo segmento do ensino fundamental da ABMSA – Instituto Santo Antônio; coordenadora do curso de Pedagogia da Faculdade Geremário Dantas, coordenadora da Pesquisa e Pós-graduação da Faculdade Geremário Dantas.

**Professora da Faculdade Geremário Dantas.

²Estarei usando as palavras espaço e tempo/ensinar e aprende sem separá-las conforme vem colocando em seus textos as professoras Nilda Alves, Inês Barbosa de Oliveira e outros, entendendo essas noções não dicotimizadas e, sim, entrelaçadas em uma rede de significados sem uma hierarquia ou classificação.

rentes formas de interação com o mundo, as opiniões e idéias a respeito do ambiente ao qual estamos mergulhados, os currículos e as culturas praticadas cotidianamente. Nesse sentido, os celulares podem estar trazendo não somente formas proibitivas de usá-lo no cotidiano das escolas, mas, também, possibilidades de ligação entre ética, conhecimento, ludicidade no uso das novas tecnologias como alternativa de inclusão digital.

Por ser móvel, essa nova tecnologia vem deslocando também práticas antigas, criando novos usos e tecendo através das aprendizagens não formais *às quais somos submetidos desde que nascemos* (OLIVEIRA, 2001, p. 7), para o que se convencionou como meio de comunicação, desejo desde as primeiras manifestações “comunicacionais” entre seres humanos.

O presente texto pretende apresentar uma pesquisa com professoras das chamadas classes de alfabetização a respeito do uso dos celulares nas escolas e apresentar algumas histórias e percepções cotidianas de alunas do curso de Pedagogia de uma instituição privada. Afinal, é preciso entender o que acontece no cotidiano da sala de aula que dialoga com as culturas que entram nas escolas, vão modificando ações e sendo modificadas pelas culturas e representações constitutivas de saberes que circulam, ainda, de forma hegemônica nas salas de aula de professoras em atuação e com professoras em processo de formação. Saberes que vão (re)desenhando nossas práticas pedagógicas e, assim, provocando a ilusão de uma nova naturalidade, tomando conta de nossas relações ou, também, vão-nos deixando perplexos com velhos “problemas” ou tecendo várias alternativas pedagógicas.

No decorrer do texto, nos detemos na questão do estudo do cotidiano buscando um entendimento metodológico e reflexão daquilo que até então não prestávamos atenção (GINZBURG, 1989). Além disso, procuramos desenvolver uma discussão sobre as culturas que estão presentes no processo de alfabetização nas escolas e como vamos produzindo novas culturas a partir do convívio com as novas tecnologias e de seus usuários.

Depois, estando inseridas no metafórico oceano do conhecimento em uma instituição de formação de professoras e professores, relataremos as observações registradas a partir do estudo realizado durante o ano de 2006 em situações diferenciadas, com o uso do celular no seu cotidiano. Trazemos alguns acontecimentos cotidianos que podem representar os entendimentos das mudanças da *estrutura da pragmática comunicacional* (SILVA, 2000) as quais não ocorrem simplesmente porque o celular tornou-se convencional na sala de aula. Abordamos ainda, o debate em torno das observações das imagens como fonte de pesquisa e, no caso em questão, das formas lúdicas com que as crianças vão criando necessidades e facilitando o consumo e aprendizagens. Finalmente, o material aqui apresentado pretende sugerir a discussão de algumas idéias sobre a forma *polifônica e dialógica* (BAKTHIN, 1991) que envolve o social e as novas tecnologias da comunicação assim como a importância das dimensões políticas e metodológicas da pesquisa no/do cotidiano das escolas.

O CELULAR NAS ESCOLAS

Temos percebido os aparelhos celulares com seus múltiplos sons em diferentes espaços da vida cotidiana escolar. Esses aparelhos parecem desejar que todos estejam atentos ao que um novo sistema de trocas de sons-mensagens-imagens apresenta. Desse modo, não importando se o seu valor, tem o significado subjetivo de se fazer comunicar.

Assim como outros meios de comunicação, ele também “impõe” um modo cultural nas escolas e fora delas supostamente unificado pelas normas das novas tecnologias do mundo contemporâneo, desconhecendo, muitas das vezes, o que se passa no *espaçotempo* da vida. Nesse sentido, precisamos estar atentos ao que Bakhtin nos alerta quanto ao que é tecnológico:

Tudo que é tecnológico, quando divorciado da unidade única da vida e entregue à vontade da lei imanente de seu desenvolvimento, é assustador; pode de tempos em tempos irromper nessa unidade única como uma força terrível e irresponsavelmente destrutiva. (BAKHTIN, 1993, p. 25)

Por conseguinte, os conteúdos culturais que o mundo tecnológico vai-nos proporcionando podem estar fornecendo mercadorias e novas formas de vida cotidiana e, provavelmente, pode estar a manter a classificação segundo mecanismos postulados pelo capitalismo os quais não se importam com a democratização da comunicação. Na medida em que Bakhtin ressalva sobre a dicotomia que esses produtos podem manifestar através das formas divorciadas da unicidade da vida, podemos indagar: o que pode estar ocorrendo em nossa formação identitária com o uso desses aparelhos? O que estaríamos reforçando em nossas ações diárias? Ou ainda: o que emerge que disponibiliza as possibilidades de um mundo mais solidário? Em outras palavras, qual o diálogo cultural que estamos travando no cotidiano das salas de aula e/ou nas escolas com o aparecimento e uso do aparelho celular?

Ligada desse modo à possibilidade de conseguir um celular em prestações pequenas, também podemos estar reforçando quem pode e quem não pode ter diferentes recursos para se comunicar melhor ou, ainda, manusear as novas formas digitais. No entanto, *a telemática amplia as exclusões não exatamente porque o acesso a ela depende de capital econômico e cultural – aqui estão os já excluídos –, mas porque cria o novo analfabeto: o infoanalfabeto.* (SILVA, 2000, p. 31). A sedução do mercado vai fazendo criar desejos nas crianças e nos jovens alunos e alunas *considerando a singularidade das conexões que cada um estabelece, em função de suas experiências e saberes anteriores e, também, a multiplicidade de conexões possíveis [...]* (id., p.104). Afinal, *o ídolo sedutor é aquele que tem ao seu alcance tudo aquilo que o homem comum sonharia desfrutar [...]* (PAIS, 2003, p. 158).

Nesse sentido, como também nos diz Marcos Silva (2000), o universo complexo da telemática produz novas exclusões, [mas também] disponibiliza a possibilidade de um mais comunicativa, promove a macro-ampliação dos serviços e do estoque informacional. (id., p. 159). Os celulares mais sofisticados com os incitamentos de jogos mais modernos, gravador, internet, aquele som mais novo, a música diferente parecem provocar desejos e valores intermináveis! Tudo se produz como uma maquinação de grande escala. Nestas circunstâncias o desenho da sala de aula vai-se modificando e nos modificando sem, muitas das vezes, percebermos as mudanças éticas das relações que se manifestam diariamente, apesar dos currículos oficiais desconsiderarem os currículos praticados (OLIVEIRA, 2003).

As práticas pedagógicas que desempenhamos a partir da telefonia celular são aprendidas fora e, agora também, dentro da escola, sendo, portanto, bases para o diálogo constante e imprevisível com as culturas que permanecem presentes nas escolas. Dito de outra maneira, a cultura escolar que caminha com toda a sua herança baseada na ciência moderna entra em constante diálogo com a lógica que preside o desenvolvimento das ações cotidianas (id., p. 52), no caso desse texto, com a lógica que passamos a presidir com o uso da telefonia celular nas salas de aula. Neste caso, o que se pode dizer é que o celular vem dialogando com as culturas as quais possivelmente já estão presentes nas salas de aula e/ou no espaço escolar com uma disposição que pode possibilitar emergir novas culturas e novas práticas pedagógicas.

Estando na riqueza do cotidiano vivido nas salas de aula e nas escolas, prestando atenção ao que ouvimos, sentimos e vemos a partir das ações provocadas por esse minúsculo aparelho que vai invadindo nossas praias das salas de aula (...), pudemos entender as ações concretas de professores e alunos, viabilizando, a partir disso, uma superação dos modelos que pretendemos explicar as situações de ensino-aprendizagem bem ou mal sucedidas através de elementos genéricos que as caracterizam. (OLIVEIRA, 2001, p. 41)

O QUE PENSAM PROFESSORAS DAS CLASSES DE ALFABETIZAÇÃO

As formas do uso do celular nas escolas vêm colocando em xeque as maneiras das culturas escolares as quais a modernidade ainda nos faz “ver” e que passam a nos cegar em nossa maneira de ensinar (SARAMAGO, 1999). No entanto, tudo isto chama a nossa atenção para o fato de que não podemos ignorar o quanto esse minúsculo aparelho vem modificando nossas ações nas salas de aula ou nas escolas. *Isto é, ao mesmo tempo em que a tecnologia se impõe ao usuário, este realiza a inscrição do social na técnica.* (SILVA, 2000, p. 39). Também poderíamos discutir as escolas que continuam mantendo uma maneira de *aprenderensinar* dentro de uma epistemologia apoiada em uma herança colonial na qual estabelece quem escuta e quem fala. Afinal, são muitas as determinações e registros em regimentos de escolas do não uso do celular e, a Itália foi o primeiro país europeu a proibir o uso do celular em todas as salas de aula com a promulgação de uma lei nacional para “*impedir problemas no sistema de ensino*”. (InfoOnline, 2007). Além disso, essa herança colonial também estabelece a hora de falar e a hora de escutar e, é claro, as representações de infância e de jovens que têm orientado nossas ações diárias. A questão do poder da comunicação com a família no interior da escola, as novas maneiras de subverter a ordem imposta por avaliações individualizadas ou divorciada da realidade dos alunos; as maneiras táticas realizadas para se sentir autônomo; as relações que se travam a partir da escola e do que a escola provoca nas famílias também poderíamos evidenciar nesse texto.

Em vista desta realidade, nosso grupo de estudos sobre o uso do celular no cotidiano das escolas resolveu aplicar um questionário semi-estruturado para docentes da Classe de Alfabetização (1º ano escolar) de escolas públicas e privadas com o objetivo de observar as concepções implícitas das professoras, desse ano de ensino, acerca da influência do celular na aprendizagem.

Por se tratar de uma pesquisa do/no/com o cotidiano, não nos preocupamos somente com os questionários aplicados. Buscamos entender, também, as múltiplas imagens e narrativas que fomos vendo ouvindo e sentindo em conversas que tivemos durante o cotidiano do estudo realizado e, ainda, com o que nos traziam as alunas do curso de Pedagogia da Faculdade Geremário Dantas. Mesmo sabendo que nesse tipo de pesquisa não se utiliza de dados quantitativos por se tratar de resquícios de uma pesquisa positivista moderna, usaremos alguns dados do questionário em quantitativos e nos apropriaremos de outros dados como ilustração de nossa argumentação.

No entanto, querendo saber mais, procuramos ir além dos dados obtidos através do questionário aplicado e escutamos as vozes das professoras e alunas-professoras buscando compreender o cotidiano escolar. Pois, como afirma Alves (2001, p. 21):

É por isso que, ao contrário de tantos que se dedicam a perceber, a partir de uma questão e de como um certo olhar, como se organizam ou se criam representações e comportamentos sobre os objetos do cotidiano, o estudo de espaços/tempos cotidianos que faço parte de questões muito amplas e de

um total envolvimento com os sujeitos do cotidiano, pois só assim conseguirei entender o que o “usuário” destes espaços/tempos “fabrica com os objetos comuns a que tem acesso e que redes vai tecendo no seu viver cotidiano que inclui pessoas e objetos.

Desse modo, aplicamos sete questionários às professoras da Classe de Alfabetização de escolas variadas que as aluna do curso de Pedagogia da Faculdade Geremário Dantas estavam mergulhadas. Ao observar as respostas registradas no questionário, constatamos que a experiência profissional dessas professoras varia de quatro a vinte e sete anos de experiência profissional com este ano de escolaridade, sendo que 57,1% das professoras são nascidas no do Rio de Janeiro. Estes dados são importantes na medida em que podemos pensar que cada uma delas podem ter vivido diferentes modificações tecnologias durante seu percurso profissional e que, por serem natural do Rio de Janeiro, as possibilidades de contato com as novas tecnologias é mais provável.

Observou-se que todas as entrevistadas possuem celular, confirmando alguns dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), divulgada no ano de 2006 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, de que o número de moradias com telefone celular ultrapassou o percentual das que tinham telefone fixo em 2005. E, ainda, foi divulgado que, de 2004 para 2005, o percentual de moradias com linha fixa convencional diminuiu de 48,9% para 48,1%, enquanto o das que tinham linha móvel celular subiu 47,8% para 59,3%. Em 2005, de acordo com a pesquisa do IBGE, 12,3 milhões de domicílios tinham apenas telefone celular e 6,5 milhões de domicílios tinham apenas telefone fixo. Um total de 18 milhões de domicílios dispunha de ambos os serviços. Assim, esses dados da pesquisa realizada pelo IBGE justificam a importância de começarmos a prestar a atenção nos processos nos quais são articulados *ensinoaprendizagem* desde as Classes de Alfabetização com o aparecimento desses aparelhos.

Em nossa pesquisa, nota-se que, em 57,1%, das escolas das profissionais entrevistadas, o uso do celular na instituição não é permitido. No entanto, nas conversas que tivemos, todas as professoras forma unânimes em responder que usam de forma tática os aparelhos celulares nas escolas. Aqui, podemos recorrer a Michel de Certeau (2000) quanto ele diz que *as táticas do cotidiano, engenhosidades do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas.* (p. 45). Cada uma destas professoras, com este esquema de burlar a regra determinada pela escola, produz uma prática de astúcias e trajetórias que nenhuma estatística contempla. Mesmo respondendo ao questionário que as escolas proíbem o uso do celular, as professoras confirmam, em suas narrativas, que se utilizam destes aparelhos em diferentes espaços das/ nas escolas. Acontece, no *espaçotempo* de narrativas não autorizadas das entrevistas, a não reprodução do sistema ao qual pertencem e deixa transparecer as respostas do que no cotidiano se pratica face às *estratégias* das relações de forças que se torna possível. Assim, essas táticas das professoras podem estar manifestando o que se ensina e se aprende com o uso desses aparelhos no cotidiano das escolas independente de sua permissão para entrar ou não no *espaçotempo* escolar.

Outro dado importante foi quando perguntamos: “*Como a criança que está na Classe de Alfabetização usa o celular?*” As perguntas abertas possibilitaram respostas que induziram a mais possibilidade de compreensão do brincar e o que se torna apenas um modismo.

Deter-nos-emos mais ao aspecto da ludicidade do aparelho celular porque este parece ser o que mais chamou a atenção das professoras. Afinal, ludicidade e sucesso escolar, principalmente nas Classes de Alfabetização, deveriam valer como binômio. E muitas vezes valem. Quando ludicidade currículo e sucesso se misturam a intencionalidade pedagógica de legitimar a prática pedagó-

gica. Por outro lado, o modismo parece ser um outro aspecto interpretativo das professoras que responderam ao questionário.

Percebe-se que 57,1% das professoras entrevistadas declararam que o celular influencia no processo de alfabetização da seguinte forma: como meio de comunicação largamente utilizado; passando mensagens e desta forma estimulando a leitura e escrita; funcionando como tema incentivador e importante tecnologia familiar. Porém, este mesmo percentual de docentes se apresenta contra o uso do celular na sala de aula e chamam a atenção de que, para fins pedagógicos, faz-se necessário ser direcionado por quem educa.

O debate proposto é de entendermos e superar a dicotomia que fazemos do que se deve ou não fazer nas escolas. A quem pertence o direito e o dever de ensinar.

Entrando no universo de possibilidades de nossas práticas pedagógicas e, portanto, no aproveitamento das situações imprevisíveis, para fazer uma nova epistemologia da visão nas salas de aula, é preciso encarar a tecnologia dos aparelhos celulares como a paisagem (des)conhecida das aulas que também podem estar (re)forçando a barbárie de ações autoritárias e o nosso despreparo mediante ao velho/novo desafio das salas de aula. Nós vamos observando um conjunto de sérias questões nas situações escolares as quais não compreendemos o que ocorre e, possivelmente, permanecemos com as certezas de um fazer pedagógico. Além disso, em nenhum momento, a complexidade do uso dos celulares fora debatida nesse *espaçotempo* destas escolas. A não ser como obstáculo ao andamento das aulas, também como uma ferramenta pedagógica.

NARRATIVAS E IMAGENS DE QUEM ESTUDA SOBRE O CELULAR E AS CLASSES DE ALFABETIZAÇÃO

Bastante popularizado, os telefones celulares fazem parte da vida de crianças cada vez mais novas, que parecem usá-los como novo tipo de brinquedo. Crianças, desde bem pequenas, encontram no uso dos aparelhos celulares um espaço de autonomia. Portam seus aparelhos celulares com as justificativas mais variadas. Assim, parece que os estes pequenos aparelhos, hoje cada vez mais “multimidiáticos”, permitem às crianças, aos jovens e adultos ampliar suas redes de conhecimento fazendo e recebendo ligações, trocando mensagens, tirando fotografias, filmando, brincando com os jogos, vendo imagens, assistindo TV, passando/recebendo e-mails, além da possibilidade de os celulares funcionarem como uma via de mão dupla para a inclusão dos usuários na solução atual, devido à sua forte representação simbólica na vida das pessoas. Somando-se a isto, a imagem da professora e do professor, ao atender o seu celular na sala de aula ou fora dela, não é ou foi percebida como um ato pedagógico a ser imitado.

Desse modo, trocando em miúdos, poderíamos dizer que nossas salas de aula estão cada vez mais povoadas de jovens [crianças] seres do século XXI (COSTA, 2003)³ e, assim, os currículos praticados (OLIVEIRA, 2003) a partir do celular no interior desse “espaço sagrado” vai possibilitando os entre-lugares (BHABHA, 1998) de nossa formação identitária e profissional no cotidiano dos diferentes contextos pelos quais passamos. Uma formação que se dá enredada num processo

³Ver: COSTA, Marisa Vorraber *A pedagogia da cultura e as crianças e jovens das nossas escolas*. In: www.apagina.pt/Jornal a Página da Educação, ano12, nº127, outubro2003, p.34.

que se dá de muitas maneiras e que muito provavelmente tem gerado variadas possibilidades de ações que continuam a tensão entre regulação e emancipação (SANTOS, 2000).

Essa mercadoria que se impõe como código cultural (PAIS, 2003) possivelmente vai estabelecendo os símbolos de um diálogo entre as diferentes gerações que trazem em suas redes de conhecimento dos currículos formadores de nossas identidades. Predomina uma ética de consumo, mas que não é somente isso.

Neste sentido, o celular, especialmente para o público infantil, é muito mais que um meio de comunicação. Torna-se um objeto que confere *status* de adulto e que promove uma sensação de inclusão digital. Assim como o letramento surge na educação para dar uma dimensão à alfabetização para além do instrumental, pode-se falar no letramento digital que englobaria aspectos como apropriação tecnológica e autonomia do sujeito em relação à tecnologia. Com relação aos telefones celulares, a crescente disseminação e absorção desta tecnologia pelo um número crescente de crianças pode ser o anúncio de *redes de conhecimentos* que podem ser percebidos em diferentes relatos. Vejamos o que ouvimos das aulas de pedagogia durante o estudo:

No domingo do “dia dos pais”, minha família estava reunida na sala. Depois do almoço, a minha irmã mais velha chamou os dois netinhos de meu pai para entregar um presente de todos os filhos: um celular ‘bem moderno’. Batemos palmas e imediatamente todos pegaram o celular do meu pai e ficaram mexendo e querendo descobrir as funções. Ninguém sabia mexer direito no aparelho. Começou um falatório, um puxa daqui e dali. Um dos filhos, que estava presente falou: “Por que vocês compraram logo um celular tão complicado para o papai?” [Só para ele?] A minha mãe disse logo que meu pai deveria não usar por medo de escangalhar, perder ou roubar. A outra filha começou a rir porque também não sabia mexer no celular. Ficou uma verdadeira confusão familiar.

Os dois netinhos, um com quatro anos e outro com nove, ficaram olhando atentos prestando atenção em tudo e não entendendo nada. Até que o mais velho falou: ‘Vô, vamos para a cozinha porque aqui todos só sabem falar e não estão dando atenção para o senhor. O garoto pegou o celular e, ele e o irmão, explicaram ao avô com a maior paciência como se ligava, os joguinhos que existiam no aparelho celular, colocou o som escolhido pelo avô e, com o maior carinho foi explicando cada função do aparelho. No final, todo mundo começou a rir da situação que o celular trouxe na família e percebemos o quanto sabiam aquelas crianças.

Este relato apresenta aspectos importantes para desmistificar que o celular seja apenas mais um instrumento que permite o controle dos pais. O celular é um objeto que confere a sensação de que estão incluídos na sociedade de informação e traz como elas estão incorporadas ao dia-a-dia das crianças mesmo sem possuí-los. Nenhum dos dois meninos possui um celular só para si. No entanto, entendem do processo de seu uso muito mais que um adulto. A realidade digital está-se tornando avassaladora, conforme outro relato de aluna: “*Já existe o cantinho do celular na escola de meu sobrinho que está na Educação Infantil.*” Assim, o diálogo e a participação de todos, nas escolas, novamente foi chamada a se fazer presente para conseguirmos uma germinação mais criadora e emancipatória mediante aos novos desafios destas tecnologias que “invadem” nossos cotidianos escolares. Observamos também que a justificativa mais difundida para possuir ou ofertar um celular seja a do contato entre pais e filhos, esta é a finalidade mais banal de sua utilização durante a fase inicial da escolaridade. No entanto, esses aparelhos vão proporcionando múltiplas possibilidades de aprendizagens que vão além do comunicacional que se pretende. Vejamos o que uma pessoa relatou quando falávamos de nosso estudo:

Minha sobrinha tem quatro anos e já tem um celular. Perguntei-lhe que ela não sabia ler e como sabia fazer ligações para outras pessoas. Ela me respondeu que pede para a mãe escrever as letras do nome das pessoas que ela quer. Depois pergunta o telefone. Depois quando que ligar ela tecla na agenda a primeira letra do nome da pessoa. Em seguida ela fala. Voltei a perguntar como ela fazia para falar com o Vô e a Vó porque começavam com a mesma letra. E, ela respondeu: ‘Eu ligo para qualquer um dos dois e depois, eles só vivem juntos mesmo!’.

Marisa Vorraber (2006) coloca que as

crianças desde as bem pequenas e jovens de todas as idades têm encontrado no uso dos telemóveis⁴ espaço de independência do mundo adulto, historicamente construído como aquele capaz de balizar e moldar padrões da vida infantil, bem como caminhos em direção à tão decantada maioridade.⁵

No entanto, consideramos que, muito mais do que isso, está acontecendo grande rapidez de absorção de celulares, não só nas escolas como fora delas. Assim, tanto a ludicidade como a afinidade das crianças com a tecnologia *mobile* não se podem ignorar. Principalmente quando pensamos a possibilidade de que esses aparelhos podem auxiliar no processo de letramento e alfabetização nas classes iniciais.

Pelas narrativas apresentadas por quem estuda os *usos e fabricações do/no/com* os aparelhos celulares nas classes de alfabetização, podemos compreender que este estudo vai ter que *beber em todas as fontes e tecer caminhos enredados a outros caminhos existentes no processo de ensinar a ler e escrever.*

CONCLUSÃO QUE SE INICIA

Provavelmente, muitos de nós conhecemos ou vivemos alguma história de escola na qual o celular aparece fazendo-nos desequilibrar de nossas certezas pedagógicas. Os estudos do processo de tessitura do conhecimento em rede nas classes de alfabetização trazem o ato de aprender a ler como um ato complexo cuja compreensão se situa de vários eixos: é atribuir sentido a algo escrito, é questionar algo escrito como tal a partir de uma expectativa real, envolvendo necessidades e prazer, numa verdadeira situação de vida.

Nossas crianças se desenvolvem num mundo digital e o celular é um recurso utilizado por elas, e não devemos negligenciar este fato; portanto, vale a pena observar a influência do celular e do mundo digital no processo de alfabetização mesmo quando a tecnologia não é usada como recurso pedagógico na sala de aula. Parece que o celular e educação não andam juntos.

Nesta nova forma de compreender as possibilidades dos usos do aparelho celular durante a fase inicial do processo de alfabetização escolar, é para se repensado uma vez que o uso dos celulares nas escolas indica novas alternativas de práticas pedagógicas. Afinal, como já nos referimos, é preciso entender o que acontece no cotidiano da sala de aula que dialoga com as culturas que entram nas escolas, modificando ações e sendo modificadas pelas culturas e representações constitutivas de saberes que circulam, ainda de forma hegemônica, nas salas de aula de professoras em atuação e com professoras em processo de formação. Nesta perspectiva, tecemos a idéia de que o poder

⁴Telemóvel é o nome dado a aparelhos celulares em Portugal.

⁵Ver em www.apagina.pt/arquivo

da ação também precisa ser diversificado e a adoção de novas práticas, incluindo as novas tecnologias que invadem as escolas, quer ela queira ou não, é condição para que os alunos e alunas entendam que também podem ensinar, questionar e orientar professores e colegas. Desse modo, a tão sonhada emancipação se torna realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (Orgs.). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BAKTHIN, M. M. *Problemas da poética de Dostoiévsk*. Rio de Janeiro: Ed. Forense – Universitária, 1991.
- _____. *Para uma filosofia do ato*. Texto completo da tradução americana *Toward a Philosophy of the Act* (Austin: University of Texas Press, 1993. Translation and Notes by Vadim Liapunov Edited by Michael Holquist & Vadim Liapunov). Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – 1) artes de fazer*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.
- _____. Michel de. *A cultura Plural*. 2ªed. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- COSTA, Marisa Vorraber A pedagogia da cultura e as crianças e jovens das nossas escolas. In: *A Página da Educação*, ano12, nº127, outubro 2003, p.34. www.apagina.pt/Jornal
- GUINSBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*. Morfologia e história. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SGARBI, Paulo (Orgs.). *Fora da escola também se aprende*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- _____. Inês Barbosa de. Certeau e as artes de fazer: as noções de uso, táticas e trajetórias na pesquisa em educação. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (Orgs.) *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *Curriculos praticados: entre a regulação e a emancipação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- PAIS, José Machado. *Vida Cotidiana*. São Paulo: Cortez. 2003.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*, São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- SGARBI, Paulo. *Colocando textos, colando imagens*. In ALVES, Nilda; SGARBI, Paulo (Orgs.). *Espaços e imagens na escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- SILVA, Marcos. *Sala de aula interativa*. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.
- VICTORIO FILHO, Aldo. Poéticas visuais cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SGARBI, Paulo (Orgs.). *Fora da escola também se aprende*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ABSTRACT

This paper aims at presenting a research carried out with students of kindergarten. It also intends to describe some perceptions teachers hold in regard to the use of cell phones in schools. In addition, it shall be presented some everyday stories told by students from the Pedagogy School of a private institution. Throughout this text, we shall focus on the analysis of everyday life as well as search for a methodological understanding and evaluation of what had not yet been realized about our classrooms. We tried to raise a discussion on how we manage to produce new/old cultures from the daily contact with new technologies and their users. Finally, we are going to report observations registered during a study performed throughout 2006 in a number of situations involving the use of cell phones. This essay presupposes that a work concerned with digital inclusion and literacy should simultaneously deal with the matters of reading and writing skills acquisition and the learning of new technologies. In this sense, reading, writing and the learning of new technologies should not be seen as parallel and/or distinct processes in didactic situations that allow pupils to discuss and achieve knowledge about language and the use of cell phones in the classroom.

Keywords: *everyday life, technology, curriculum, literacy.*